

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA

EDITAL DE SELEÇÃO – INICIAÇÃO CIENTÍFICA EDITAL 2026-2027

PROFESSOR: MARCELO JOSÉ DE SOUZA E SILVA

INSCRIÇÃO E ENTREVISTA

Enviar, até 05/06/2026, e-mail para marcelojss@ufpr.br indicando a intenção de participar do projeto 'O conceito de saúde: análises a partir da crítica social e histórica do processo saúde-doença no capitalismo' na modalidade Iniciação Científica.

Entrarei em contato com os interessados para marcar entrevista, que ocorrerá no NESC (7º andar do setor de Ciências da Saúde) a partir do dia 08/06/2026.

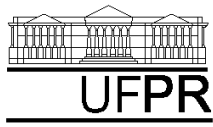
Para a entrevista, o interessado deverá apresentar uma proposta de pesquisa dentro do projeto de pesquisa principal (a apresentação será de forma oral).

OBSERVAÇÕES

- Serão selecionados até 4 orientados.
- É obrigatório possuir currículo Lattes atualizado e enviado ao CNPq.
- Não pode estar cadastrado em grupo de pesquisa de outro docente.

Qualquer dúvida enviar para marcelojss@ufpr.br

Curitiba, 28 de maio de 2026



IDENTIFICAÇÃO

Título: O conceito de saúde: análises a partir da crítica social e histórica do processo saúde-doença no capitalismo

Resumo: O presente projeto possui amplo escopo, permitindo que recortes possam ser realizados e tem como objetivo principal analisar histórica e criticamente as transformações do processo saúde-doença no capitalismo. Buscamos estudar, mapear e interpretar as transformações sociais ocorridas a partir do século XIX na sociedade capitalista e suas relações e consequências sobre o processo saúde-doença, assim como as próprias construções do conceito de saúde. Para isso se faz necessário um entendimento histórico das transformações da própria sociedade em que vivemos, pois o entendimento de suas bases estruturais nos permitirá analisar de forma aprofundada as próprias representações sobre o corpo humano e também sobre a formação daqueles que cuidam desse corpo. Será realizada uma pesquisa qualitativa explicativa, utilizando-se de revisão bibliográfica e também entrevistas para a coleta de dados empíricos, que serão analisados em categorias, de forma a poder relacionar as questões que forem levantadas como importantes sobre as transformações sociais e sobre o processo saúde-doença.

Palavras-chave: Saúde; Processo Saúde-Doença; Capitalismo.

OBJETIVOS

Geral: Analisar histórica e criticamente as transformações do processo saúde-doença no capitalismo.

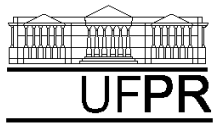
Específicos:

- Analisar as transformações sociais ocorridas no século XIX, fruto da consolidação do capitalismo;
- Analisar as transformações sociais ocorridas no século XX;
- Analisar as transformações sociais que estão ocorrendo no século XXI;
- Analisar, a partir das transformações sociais do capitalismo, as determinações sociais sobre o processo saúde-doença;
- Analisar, a partir das transformações sociais do capitalismo, a formação dos profissionais de saúde e as repercussões sobre o processo saúde-doença;
- Analisar, a partir das transformações sociais do capitalismo, os usos dos corpos e seus significados e as repercussões sobre o processo saúde-doença;
- Analisar, a partir da consolidação do capitalismo como modo de produção, o conceito de saúde.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como nos mostra Scliar (2007), ao longo da história a humanidade elaborou significados diferentes para a saúde, e nos mostra também como essa elaboração se dá influenciada pelo contexto cultural, político, econômico e social de cada sociedade.

No presente estudo, com base em uma aproximação histórica e conceitual, elegemos a temática da saúde a partir do século XIX e enquanto uma questão da sociedade capitalista que nessa época histórica se constrói. E será, então, nessa construção que também é a de uma socialidade centrada no trabalho – como potência produtiva a satisfazer as necessidades humanas (Marx, 2013) – o momento quando se faz do processo saúde-doença uma elaboração concernente



ao corpo humano, mais especificamente aos usos sociais desse corpo (Mendes-Gonçalves, 1979; Donnangelo e Pereira, 1979; Schraiber, 1989)

Por não ter sido a prática de médicos uma criação da Modernidade ou das sociedades capitalistas, como afirma Donnangelo (Donnangelo e Pereira, 1979), isso não significa, como os próprios profissionais da medicina tendem a compreendê-la, que sua prática e seu modo de produzir os conhecimentos não tenha mudado substantivamente. Ao contrário, como aponta Foucault (1977), uma nova medicina, a medicina moderna, nasce em fins do século XVIII, com a construção da Clínica anatomopatológica. De um lado, enquanto ruptura histórica e como também aponta Foucault (1984), essa nova medicina já nasce como medicina social, isto é, preocupada com o social, com o intuito de cuidar de questões coletivas, cuidar do ambiente em que viviam as populações, esta última também uma conceituação da Modernidade. De outro lado, como uma permanência histórica, mantém sua ocupação com os doentes individualmente, ainda que reconceituados enquanto tais com a localização das doenças no plano do corpo orgânico (Foucault, 1977).

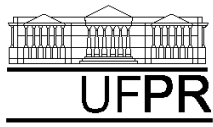
O capitalismo, por sua vez, ao se consolidar nos séculos XVIII e XIX, socializou o corpo como força de trabalho, um dos componentes dos meios de produção, que, nessa sociedade, são propriedade privada. No interior dessa perspectiva, diferentemente da Alemanha, que possuía o que Foucault (1984) chama de medicina de Estado, e da França, que possuía a medicina urbana, no século XIX, na Inglaterra, aparece uma medicina que busca "essencialmente um controle da saúde e do corpo das classes mais pobres para torná-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas às classes mais ricas" (Foucault, 1984, p. 97), o que originou uma assistência médica aos trabalhadores, como um controle (médico) da força de trabalho e com o intuito de proteger as classes dominantes de perigos representados pelos adoecimentos. Assim, a medicina da modernidade, além de um controle sobre epidemias, se estabelece como uma medicina privada destinada àqueles que podiam pagá-la e uma filantrópica destinada aos pobres e trabalhadores.

Essa importância do corpo vai se refletir já nos momentos iniciais da formação dos médicos. Assim, como podemos conferir em Flexner (1910), o corpo, nessa fase histórica, era visto como pertencente ao mundo animal, ou seja, esse corpo "é um amontoado de tecidos e órgãos, em sua estrutura, origem e desenvolvimento essencialmente não muito diferente do que o biólogo está familiarizado; ele cresce, se reproduz, decai, de acordo com leis gerais" (Flexner, 1910, p. 53, tradução nossa).

O corpo humano, para além de se constituir como força de trabalho no capitalismo, é, segundo Le Breton (2007), uma condição social do ser humano. Dessa forma, podemos entender o corpo humano como uma unidade constituída por duas facetas: seu corpo orgânico e seu corpo inorgânico. Segundo Herold Junior (2009), Marx se baseou na teoria da evolução de Charles Darwin para relacionar o corpo inorgânico do ser humano como sendo produto do trabalho, assim como o corpo orgânico do ser humano como sendo resultado de um longo processo de adaptação e evolução estimulado pela atividade laboral.

Ou seja, o corpo orgânico é tanto o meio pelo qual o ser humano interage com a natureza (interação essa mediada por instrumentos), quanto é também objeto dessa mesma interação. Já o corpo inorgânico é tudo aquilo que é produto da transformação da natureza através da atividade humana e que caracteriza o ser humano enquanto tal. Esse intercâmbio com a natureza (e, conseqüentemente, consigo mesmo) é a atividade exclusiva do ser humano, o trabalho. O trabalho aqui entendido não em sua forma histórica encontrada no capitalismo, mas sim como aquilo que constitui o ser humano e que permitiu que se desenvolvessem todas as suas outras características (como, por exemplo, a razão).

Toda atividade humana é atividade livre, realizada conscientemente – salientando que, nas sociedades divididas em classes, como o capitalismo, essa atividade é também alienada e estranhada –, e é nela, na elaboração do mundo objetivo, que o sujeito se faz como ser genérico, se torna parte do gênero humano (Marx, 2009). Ela é teleológica, ou



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA

seja, o sujeito idealiza mentalmente (pensa) o produto antes de criá-lo, imaginando o produto em sua mente antes que se torne realidade (Marx, 2013), e dessa forma subordina a natureza à sua vontade. Por esse meio ele a modifica intencionalmente, para atingir um fim (mesmo que, ao final do processo, o produto não seja exatamente aquilo que foi pensado). Portanto, é nesse processo de transformação da natureza (atividade livre) que o sujeito se vê como ser humano, enxergando nela sua obra e sua efetividade. Essa natureza transformada, o produto do trabalho humano, é, portanto, a objetivação da vida genérica do ser humano.

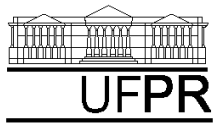
Partimos da atividade humana (uso social do corpo) como centro de nossa análise, pois é a partir das condições de produção da vida que se produzem as ideias sobre o corpo e sobre a saúde, sendo necessário, portanto, considerar os indivíduos e as condições que geraram essas ideias. E, como para existir história é preciso que existam indivíduos vivos, é preciso entender, primeiramente, “a organização corporal desses indivíduos e, por meio dela, sua relação dada com o restante da natureza” (Marx e Engels, 2007, p. 87).

Segundo Le Breton (2007), não se pode fazer uma apologia ao corpo como separado do ser humano concreto, através de uma visão dualista ou tratando o corpo como um fetiche (corpo x ser humano). É através do corpo que o ser humano percebe o mundo ao seu redor, sendo que este corpo é moldado pelo contexto social e cultural, além de ser através dele que o ser humano transforma o mundo. E ao transformar esse mundo, transforma a si mesmo, tanto seu corpo, quando o que o constitui como ser humano. Para transformar e ser objeto de transformação, o corpo se constitui enquanto emissor e receptor de sensações, pois é ele que se insere no espaço e tempo. O ser humano interage sensorialmente com o mundo através do corpo, e cada pessoa o faz de maneira diferenciada, pois os sentidos são desenvolvidos tanto fisiologicamente quanto socialmente. E cada indivíduo usa as sensações que aprendeu de acordo com sua história pessoal. Assim, ao mesmo tempo que transforma a natureza, o ser humano, e seu corpo, é transformado pela sociedade em que está inserido, assimilando os comportamentos dessa forma societal.

Herold Junior (2004) diz que com o início da idade moderna o corpo foi redescoberto, de forma diferente a qual era entendida no feudalismo. O pensamento moderno crê no desenvolvimento de todas as forças individuais para a produção tanto do indivíduo quanto da sociedade e, assim, o corpo passa a ser visto como um meio que precisa ser tornado apto para concorrer econômica e socialmente. "A visão moderna do corpo nas sociedades ocidentais, que de alguma forma oficial é representada pelo conhecimento biomédico, pela anatomofisiologia, repousa sobre uma concepção particular de pessoa." (Le Breton, 2007, p. 26). O que explica o corpo é a fisiologia e a anatomia, de forma individual (o corpo é o limite de cada pessoa) e o corpo é diferente do ser humano (uma visão idealista). Assim, no capitalismo, o corpo tem o papel de individualizar, é onde começa e termina a presença da pessoa. Segundo Herold Junior (2004), o fundamento da propriedade privada deixa de ser o nascimento, como ocorria no feudalismo, e passa a ser o trabalho, e o corpo passa a ser valorizado diferentemente, de forma dependente à classe social a qual o indivíduo pertence. Qualidades físicas, intelectuais e morais do corpo ficam reservadas para os indivíduos da classe dominante, enquanto o corpo do indivíduo da classe trabalhadora precisa ser fortalecido fisicamente, para impulsionar a indústria.

A relação com o corpo encontra-se dentro das classes sociais, ou seja, ela é diferente para diferentes classes da sociedade. O trabalhador possui uma relação mais instrumental com o corpo (devido à sua necessidade de trabalhar para sobreviver). "A doença, por exemplo, é ressentida como um entrave à atividade física, principalmente profissional" (Le Breton, 2007, p. 82). Já as pessoas da classe dominante tendem a ter uma relação com o corpo diferenciada, que procura valorizar a "graça", a "beleza", a "forma física" etc.

Dessa forma, o corpo é pensado de forma distinta para as diferentes classes sociais existentes na sociedade e também condicionado de forma distinta pelo modo de produção. No capitalismo, em geral, ao invés do desenvolvimento



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA

dos meios de produção ser um instrumento de maior objetivação do corpo humano, existe um movimento de externalização dessas objetivações humanas na tecnologia, nos meios de produção, com o intuito de aumentar a produtividade do trabalho. Isso faz com que o ser humano passe a ter que se subsumir a esses meios, ou seja, o corpo precisa ser adaptado às tecnologias e não o contrário. E mesmo aqueles indivíduos que pertencem à classe dominante e não se sujeitam integralmente aos meios de produção, também não possuem as objetivações contidas nestes, pois também estão alienados e estranhados do trabalho humano geral.

Consideramos que ao longo de sua história, a humanidade tem buscado explicar a realidade, independentemente da época e da forma de sociedade existente e que os diferentes significados de saúde nas diferentes sociedades são construídos e limitados de acordo com o grau de domínio do ser humano sobre a natureza, com o desenvolvimento dos meios de produção, com as relações sociais e com os interesses hegemônicos existentes em cada sociedade e, também, de acordo com o domínio sobre o próprio corpo humano, tanto sua faceta orgânica quanto a inorgânica.

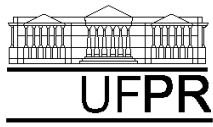
De acordo com Marx e Engels (2007, p. 42):

Essa concepção da história consiste, portanto, em desenvolver o processo real de produção a partir da produção material da vida imediata e em conceber a forma de intercâmbio conectada a esse modo de produção por ele engendrada, quer dizer, a sociedade civil em seus diferentes estágios, como o fundamento de toda a história, tanto a apresentando em sua ação como Estado como explicando a partir dela o conjunto das diferentes criações teóricas e formas da consciência – religião, filosofia, moral etc. etc. – e em seguir o seu processo de nascimento a partir dessas criações, o que então torna possível, naturalmente, que a coisa seja apresentada em sua totalidade (assim como a ação recíproca entre esses diferentes aspectos).

A forma como determinada sociedade explica a realidade também determina a forma como se explica a saúde da época. As sociedades que explicavam a realidade a partir de concepções mágicas e religiosas, viam a saúde e a doença como resultado de forças externas, a primeira em consonância com a benevolência dos deuses ou espíritos da natureza, enquanto a segunda com a ira dos deuses ou ação de demônios ou espíritos malignos. As sociedades que buscavam explicar a realidade de forma bastante vinculada com a religião, explicavam a saúde e a doença de acordo com as ações das pessoas, que eram recompensadas com saúde quando de acordo com as regras doutrinárias da religião a que pertenciam, e castigadas com a doença, quando cometiam atos que iam de encontro às doutrinas religiosas. Em muitos casos a doença também se explicava não como castigo, mas como um flagelo necessário ao corpo, para se obter a saúde, a recompensa, em outro plano, em uma vida após a morte.

E, na sociedade atual, convivendo ainda com explicações que são resquícios de formas sociais anteriores, mas de forma alguma desprezíveis, procura-se explicar a realidade o máximo possível através da ciência, pela experimentação científica. Segundo Gadamer (2011), essa é a sociedade da ciência, pois é somente nela que ocorre um domínio técnico-científico da natureza de grandes proporções, diferenciando esta sociedade das anteriores. Além disso, essa condição criou uma situação fundamentalmente nova, de que a ciência não existe somente para preencher as lacunas deixadas pela natureza, mas a de criar “uma contrarrealidade artificial” (Gadamer, 2011, p. 14). Assim, da mesma forma, a saúde e a doença passam a ser explicadas, de forma geral, pela via científica, ainda que existam elementos explicativos mágicos e religiosos do mundo, incorporados à essa explicação mais geral.

Como vimos, o corpo não é apenas instrumento de uso, mas sim expressa relações sociais, e, segundo Schraiber (1989), nas diferentes sociedades da Modernidade o uso social do corpo se dá primordialmente enquanto agente de



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA

trabalho. Portanto, o corpo é definido em determinada sociedade de acordo com a organização do trabalho nessa sociedade.

Como o corpo é socialmente agente de trabalho, devido às especificidades do modo de produção capitalista, esse corpo é força de trabalho, sendo que, no capitalismo, a força de trabalho é constituinte da produção, ou seja, é um valor de uso para o capital. Garantir, portanto, a funcionalidade do corpo, é também garantir a produção e assim a constante valorização de capital.

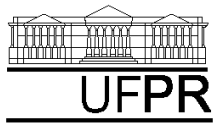
No início da modernidade, da sociedade capitalista, manter e recuperar o corpo adquirem importância para efetivar o aumento da riqueza e poder nacionais (pois todos os cidadãos são iguais, todos são povo, e constituem uma nação, na qual os interesses de uma classe são os interesses de todas as classes), entendido que as necessidades sociais dos corpos (além da sua manutenção e recuperação) se dão de formas distintas em diferentes classes sociais – porém, ideologicamente (expressa de forma jurídico-político), essas formas são apresentadas como igualitárias.

Em um segundo momento, com o capitalismo consolidado, recuperar o corpo passa a ter outro sentido, de ser uma necessidade homogênea para toda a sociedade, sendo um direito igual para todos os cidadãos, “que se expressa fundamentalmente na extensão do acesso individual à recuperação do corpo, possibilitando aos corpos realizarem-se em seus particulares usos socialmente adequados” (Schraiber, 1989, pp. 72-73). Assim, a ideologia dominante no capitalismo mascara o caráter de classe das relações de produção como se fosse um caráter técnico, como sendo relações de competência técnica individual. O corpo, que possui usos sociais diferentes para indivíduos de classes diferentes, é tratado fundamentalmente como sendo biológico, o que acarreta na existência de uma aparente neutralidade ao cuidar desse corpo. Da mesma forma, as explicações sobre a saúde e sobre o corpo, a partir da via científica, impregnada com a perspectiva dominante, tendem a ocultar o caráter de classe existente dentro da sociedade.

Assim, apesar de a humanidade ter superado esses significados das formas sociais anteriores do conceito saúde (mesmo que eles não tenham desaparecido por completo) e de que as explicações atuais são baseadas em experimentação científica, não se encontra hoje em dia clareza desse conceito, ficando o seu significado (muitas vezes) relegado ao senso comum, ou seja, somente à realidade imediata, mais superficial. Isso se deve ao fato de que, mesmo que a explicação da saúde e da doença se dê de forma semelhante à da explicação da realidade – de acordo com o desenvolvimento do modo de produção e das relações sociais de produção –, os interesses hegemônicos da sociedade também influenciam essa explicação. A explicação científica, portanto, atende a interesses da classe dominante e se constitui enquanto uma explicação a partir da perspectiva dominante.

Essas explicações da perspectiva dominante se originam principalmente no pós-II Guerra Mundial, quando o capitalismo vive o que Hobsbawm (2011) chama de *Era de Ouro* ou *Os Trinta Anos Gloriosos* do capitalismo. Nessa época se desenvolve uma forma de organização do Estado chamada de Estado de Bem-Estar Social, principalmente na Europa, além da ascensão do fordismo como modelo de produção industrial. A revolução tecnológica que se iniciou mudou radicalmente a vida de todas as classes sociais, além de iniciar, com base no aumento da complexidade das tecnologias, um processo dispendioso de *Pesquisa e Desenvolvimento*, como forma de gerar lucros para as empresas envolvidas; e terceiro, por se constituírem de um capital intensivo, exigiam poucos trabalhadores, ou até mesmo os substituíam (Hobsbawm, 2011).

Após o longo período de acumulação de capital na primeira metade do século XX, graças ao taylorismo e ao fordismo, o modo de produção capitalista começa a entrar em um quadro crítico a partir da década de 1970, devido à queda da taxa de lucro, fruto da diminuição do mais-valor expropriado dos trabalhadores após a II Guerra Mundial, tanto pelo aumento dos salários, quanto pela diminuição do emprego de capital variável em relação ao capital constante;



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA

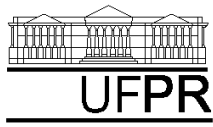
esgotamento do padrão de acumulação taylorista e fordista, devido à incapacidade de responder à retração do mercado; e maior concentração de capitais (monopólios e oligopólios). Na tentativa de reverter as crises, surge o toyotismo como nova forma de organização da indústria, e o neoliberalismo como nova forma de organização do Estado.

Na esteira desse ascenso da acumulação capitalista e de seu posterior descenso, devido à crise do início da década de 1970, surgem também diversas explicações para o que é saúde. Assim, vários autores procuram estabelecer significados para o que é saúde, como aqueles que possuem o entendimento de que saúde são resultados da ação de fatores (Medeiros et al., 2005; Seidl et al., 2004; Zubaran et al., 2008) ou que saúde é o equivalente a qualidade de vida (Minayo et al., 2000); aqueles que procuram entender a saúde somente através da percepção de uma pessoa sobre sua saúde (Boruchovitch et al., 2002; Bezerra et al., 2011; Dalmolin et al., 2011), assim como estudos que naturalizam certas características casuais concreto-fatuais e que procuram entender o que é saúde através da generalização dessas características, a partir do entendimento de que o ser humano é a soma de suas várias partes constitutivas (Caprara, 2003); e também autores que entendem que a saúde é o máximo grau de adaptação do indivíduo à sociedade (Boruchovitch et al., 2002). Destacamos entre os vários estudos a importância daqueles que procuram embasar o entendimento de que a saúde não é simplesmente a ausência de doença (Czeresnia, 1999; Almeida Filho, 2000; Coelho et al., 2002; Ayres, 2007; Almeida Filho, 2011), superando uma visão biologicista da saúde.

Existem, portanto, diversas explicações sobre saúde. Buscamos com o presente projeto estudar, mapear e interpretar as construções do conceito de saúde. Para isso se faz necessário um entendimento histórico das transformações da própria sociedade em que vivemos, desde sua consolidação até os dias de hoje, pois o entendimento de suas bases estruturais nos permitirá analisar de forma aprofundada as próprias representações sobre o corpo e também sobre a formação daqueles que cuidam desse corpo. Com isso procuramos um entendimento com maior profundidade da forma como a atividade humana em nossa sociedade influencia nas transformações do corpo (orgânico e inorgânico) do ser humano e, através dessa análise, compreender as transformações do uso, das representações (tanto as dominantes como as críticas, não-dominantes) e da abordagem em estudos do corpo (orgânico e inorgânico) do ser humano e, através dessa análise, compreender as transformações que ocorrem na conceituação de saúde.

MÉTODO

Trata-se de um projeto de amplo escopo, para permitir que projetos com diversos recortes possam ser encaixados ao longo de sua vigência. Propõe-se realizar uma pesquisa qualitativa explicativa sobre o conceito de saúde no capitalismo, para isso utilizando-se de revisão bibliográfica/historiográfica sobre as mudanças sociais ocorridas desde o século XIX até os dias de hoje. Serão utilizados principalmente livros e artigos históricos sobre este período, assim como poderão ser utilizados outros formatos que possam transmitir acontecimentos de períodos específicos como obras cinematográficas, fotográficas, plástica, entre outras. Também serão analisadas obras que forneçam informações sobre o processo saúde-doença durante o período estudado, assim como a realização de entrevistas com profissionais de saúde, estudantes da área da saúde e até mesmo população para entender as transformações da forma de cuidar da saúde e sua relação com a formação dos profissionais de saúde. Essa relação existente na formação será analisada a partir dos resultados



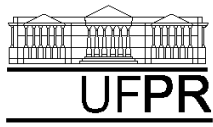
obtidos da relação entre as transformações históricas do capitalismo e suas consequências para o processo saúde-doença.

Em um primeiro momento a pesquisa empírica se manterá no âmbito da coleta de dados bibliográfica (principalmente pelo momento de pandemia que vivemos), para consolidar as análises teóricas necessárias para posteriormente poder coletar dados empíricos através de entrevistas.

Os dados obtidos serão analisados de forma qualitativa pela equipe, categorizando esses dados de forma a poder relacionar as questões que forem levantadas como importantes sobre as transformações sociais e sobre o processo saúde-doença.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, N. O conceito de saúde: ponto-cego da epidemiologia? **Rev Bras Epidemiol**, São Paulo, v.3, n.1-3, p. 4-20, 2000.
- ALMEIDA FILHO, N. **O que é saúde?** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.
- AYRES, J. R. C. M. Uma concepção hermenêutica de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p. 43-62, 2007.
- BARROS, A. J. D. Produção científica em saúde coletiva: perfil dos periódicos e avaliação pela Capes. **Rev Saude Publica**, São Paulo, v.40, n. Esp, p. 43-49, 2006.
- BEZERRA, P. C. L.; OPITZ, S. P.; KOIFMAN, R. J.; MUNIZ, P. T. Percepção de saúde e fatores associados em adultos: inquérito populacional em Rio Branco, Acre, Brasil, 2007-2008. **Cad Saude Publica**, Rio de Janeiro, v.27, n.12, p. 2441-51, 2011.
- BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- BORUCHOVITCH, E.; MEDNICK, B. R. The meaning of health and illness: some considerations for health psychology. **Psico-USF**, Itatiba, v.7, n.2, p. 175-83, 2002.
- CAPRARA, A. Uma abordagem hermenêutica da relação saúde-doença. **Cad Saude Publica**, Rio de Janeiro, v.19, n.4, p. 923-31, 2003.
- COELHO, M. T. Á. D.; ALMEIDA FILHO, N. Conceitos de saúde em discursos contemporâneos de referência científica. **Hist Cienc Saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 315-33, 2002.
- CZERESNIA, D. The concept of health and the difference between prevention and promotion. **Cad Saude Publica**, Rio de Janeiro, v.15, n.4, p. 701-9, 1999.
- DALMOLIN, B. B.; BACKES, D. S.; ZAMBERLAN, C.; SCHAURICH, D.; COLOMÉ, J. S.; GEHLEN, M. H. Significados do conceito de saúde na perspectiva de docentes na área da saúde. **Esc Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p. 389-94, 2011.
- DONNANGELO, M. C. F.; PEREIRA, L. **Saúde e sociedade**. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- FLEXNER, A. **Medical education in the United States and Canada: a report to the Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching**. New York City: The Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching, 1910.
- FOUCAULT, M. **O Nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 4.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GADAMER, H-G. **O caráter oculto da saúde**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA

HEROLD JUNIOR, C. Corpo, pensamento educacional e práxis: a "teoria" e a "prática" da Educação Física nos albores da modernidade. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v.26, n.2, p. 221-30, 2004.

HEROLD JUNIOR, C. Corpo, educação e hominização: possibilidades de análise a partir do materialismo histórico. **Educere et Educare**, Cascavel, v.4, n.7, p. 203-21, 2009.

HOBBSAWM, E. J. E. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2.ed. 45.reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MEDEIROS, P. F.; BERNARDES, A. G.; GUARESCHI, N. M. F. O conceito de saúde e suas implicações nas práticas psicológicas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v.21, n.3, p. 263-9, 2005.

MENDES-GONÇALVES, R. B. **Medicina e história: raízes sociais do trabalho do médico**. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Cienc Saude Colet**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 7-18, 2000.

MINAYO, M. C. S. Pós-graduação em Saúde Coletiva de 1997 a 2007: desafios, avanços e tendências. **Cienc Saude Colet**, Rio de Janeiro, v.15, n.4, p. 1897-1907, 2010.

SEIDL, E. M. F.; ZANNON, C. M. L. C. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. **Cad Saude Publica**, Rio de Janeiro, v.20, n. 2, p. 580-8, 2004.

SCHRAIBER, L. B. **Educação médica e capitalismo**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1989.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p. 29-41, 2007.

ZUBARAN, C.; PERSCH, K.; TARSO, D.; IOPPI, A.; MEZZICH, J. The correlation between health status and quality of life in southern Brazil. **Sao Paulo Med J.**, São Paulo, v.126, n.5, p. 257-61, 2008.